a influência de Jacques Lacan na psicanálise brasileira

Marco Antonio Coutinho Jorge

Este artigo retoma um trabalho apresentado no Colóquio "Lacan, psychanalyste", organizado pelo Mouvement du Coût Freudien e realizado no Amphithêatre Charcot, Hôpital de la Salpétrière, Paris, em 27 e 28 de março de 1999.

A presença do ensino de Lacan na psicanálise brasileira é hoje absoluta. Prova disso foi a recente participação brasileira no I Congresso da Convergência — Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, que reuniu quarenta e nove instituições do mundo inteiro (nove brasileiras) em Paris, na sede da UNESCO, entre 2 e 4 de fevereiro passados. Mas a entrada do ensino de Lacan em nosso país obedeceu às características do movimento psicanalítico de cada região. Vou expor aqui minha inserção nessa história, assim como sua incidência sobre minha prática no Rio de Janeiro, ressaltando que esta cidade foi a que produziu o maior impulso na divulgação de Lacan no Brasil, o que pode ser exemplificado pela publicação pioneira, por uma tradicional editora carioca, Jorge Zahar, desde 1979, dos escritos e seminários de Lacan, assim como de muitos autores lacanianos.

Menciono o *ensino* de Lacan e não sua *teoria*, na medida em que a entrada de Lacan no Brasil se deu essencialmente em função da renovação da prática clínica. E, de fato, um ensino de psicanálise digno desse nome se qualifica por ser eminentemente um ensino clínico. Por outro lado, amputar o ensino de Lacan de sua dimensão clínica, como parece ocorrer em linhas gerais nos EUA, onde Lacan até recentemente era estudado quase exclusivamente nos departamentos de literatura das universidades, seria neutralizar a ênfase que ele mesmo deu à psicanálise enquanto prática: "É de meus analisandos que aprendo tudo, que aprendo o que é a psicanálise", disse ele numa conferência aos mesmos norte-americanos.

a desmedicalização da psicanálise

A primeira instituição psicanalítica carioca de orientação lacaniana foi o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, do qual participei durante quinze anos, desde o ato de sua fundação em 1975, quando ainda estudava medicina. Tomando a palavra na imprensa para divulgar a novidade inerente à contribuição lacaniana, esse grupo não tardou em conquistar um espaço cada vez maior junto ao meio psicanalítico.

A quase totalidade dos psicanalistas de orientação lacaniana dessa geração passou por esta instituição. A partir

dos anos 80, diversas cisões ocorreram no seio desse grupo pioneiro e outras instituições foram criadas. Ainda que o estilo dessa instituição tenha sempre suscitado polêmica, é preciso dizer que ela transmitiu, nesses primórdios do lacanismo no Brasil, as bases da teoria lacaniana. Destaco como a característica principal dessa transmissão a abordagem retroativa de Freud e Lacan, a partir do último e mais importante segmento do ensino de Lacan: aquele que inclui as fórmulas quânticas da sexuação (uma releitura dos achados freudianos sobre a sexualidade humana), a topologia matemática (visando à demonstração do que escapa à possibilidade de ser dito), os quatro discursos (formas básicas de liame social que ligam o sujeito ao outro) e a tripartição estrutural Real-Simbólico-Imaginário (paradigma teórico lacaniano primordial, que retoma as principais teses freudianas no quadro de uma ampla concepção do psiquismo, a partir das novas contribuições advindas da lingüística e da antropologia estrutural).

Este trabalho de transmissão, naquele momento inaugural, conseguiu chamar atenção para a novidade do pensamento lacaniano, e, mais essencialmente, para seu rigor em relação à letra de Freud. Um grande empuxo revitalizante se produziu no estudo e na pesquisa, atingindo a comunidade psicanalítica com grande impacto. Os analistas foram levados a questionar os fundamentos de sua prática, o que teve como efeito depará-los com o não-saber que está no cerne da experiência analítica. Citando Oliver Cromwell, Freud já observara que quando não sabemos aonde vamos, vamos muito mais longe...

Se, na década de 70, a psicoterapia de grupo havia se difundido amplamente, sobretudo entre os jovens, hoje ela praticamente não existe mais. Contribuíram para sua difusão, na época, o preço da sessão mais baixo em relação ao cobrado pelos psicanalistas por uma sessão individual e a situação ditatorial brasileira, que levou os jovens a buscar nos grupos algum alento. Uma sociedade de psicoterapia de grupo foi criada para dar conta dessa crescente demanda. Mas a chegada do movimento lacaniano, com a conseqüente legitimidade adquirida pelos psicólogos para a formação analítica, rapidamente teve como efeito a quase extinção da prática de grupo, uma vez que os preços da análise individual deixaram de ser regulados pela hora médica.

O panorama encontrado pelos primeiros analistas seguidores de Lacan no Brasil foi bastante semelhante ao

encontrado por Lacan na França, na década de 50, quando iniciou seu movimento de "retorno a Freud". A prática da psicanálise, monopolizada pela IPA, era regida pela medicalização da psicanálise e pelo repúdio à análise leiga. Formei-me em medicina, aliás, devido à exigência feita então aos psicanalistas de terem um curso médico e pude observar, surpreso, que, às vezes, os psiquiatras faziam formação psicanalítica apenas para obter o título e aceder a um patamar de prestígio de superpsiquiatra...

A concepção de uma prática analítica desmedicalizada influiu com grande impacto na difusão das idéias de Lacan. Além disso, seus porta-vozes vinham a público apresentar suas idéias, realizando conferências nas universidades e dando entrevistas para a imprensa, e não permaneciam entrincheirados entre as quatro paredes de seus consultórios, envoltos numa aura de mistério iniciático.

A impressão de quem viveu esse período inicial de ebulição do ensino de Lacan no Brasil é, num olhar retrospectivo, de que a psicanálise estava mortificada por um violento processo de ideologização. Lacan veio trazer um salutar fôlego ao ambiente psicanalítico, sufocado pela prática kleiniana, com suas intervenções psicologizantes, e pelo fechamento elitista das sociedades psicanalíticas. Tudo se passou como se os psicanalistas tivessem sido repentinamente sacudidos de sua acomodação, sentindo necessidade de tomar a palavra sobre as questões da prática clínica e da cultura.

a renovação da clínica

A transmissão de Lacan esteve muito ligada, de início, à renovação da concepção do dispositivo analítico, situado por ele de modo tão inovador que acabou atraindo os analistas para um novo tipo de experiência, inclusive aqueles já formados há longa data.

Contudo, um dos efeitos desse período inaugural foi o uso mimético, irrefletido, das sessões curtas, fato que sabemos não ter sido apanágio exclusivo dos psicanalistas brasileiros, como pude desenvolver em meu artigo "Usos e abusos do tempo lógico" (revista *Ágora*, v. III, n. 1). Isso foi alvo de grande polêmica e produziu intensas resistências ao discurso lacaniano, das quais evidentemente os analistas não-lacanianos se aproveitaram, por sua vez, para atacar Lacan como um todo: seus representantes se pronunciaram na época na imprensa dizendo que os lacanianos estavam destruindo a psicanálise. Outro efeito colateral ligado ao uso do tempo lógico

"cronometrado" em cinco minutos foi a redução da interpretação a um superficial jogo de palavras, numa perda evidente da dimensão da experiência analítica.

Por outro lado, a ênfase na leitura de Freud, preconizada por Lacan em cada um de seus escritos e seminários, e o questionamento dos desvios ideológicos e anti-psicanalíticos dos analistas pós-freudianos, produziram na comunidade psicanalítica não só um intenso empuxo no sentido da reflexão teórica depurada, como, a partir daí, a necessidade de elaboração da diferença entre *rigor* e *rigidez* na maneira de conduzir a análise. Tudo aquilo até então sustentado de modo dogmático passou a ser radicalmente interrogado: o lugar do psicanalista, sua intervenção, os objetivos da análise. No cerne desses múltiplos questionamentos, estava a reflexão lacaniana sobre a ética da psicanálise: Lacan foi o primeiro psicanalista a nomear uma ética particular à psicanálise, centrando-a em torno do desejo do sujeito.

Aos poucos, caíram as concepções mais tradicionais, tanto a respeito da prática clínica como também da formação psicanalítica. Ocorreu, em especial, a queda da distinção entre análise didática (de formação) e análise terapêutica: para Lacan, toda análise pode vir a ser didática, uma vez que seu aspecto didático só pode ser revelado depois de concluída a experiência, jamais *a priori*. A freqüência e a duração das sessões, padronizadas até então de forma burocrática, passaram a ser flexíveis. Com Lacan, a prática da psicanálise foi, enfim, analisada.

É verdade que esse questionamento deu margem, por sua vez, a excessos na adoção das novas fórmulas, dependentes, por um lado, de um modismo que acomete todas as práticas humanas e, por outro, da insipiência da experiência. Assim, o uso sistemático de sessões de curta duração parece-nos ser tão pouco congruente com a verdade que é exigida pela experiência do psicanalista, quanto o uso da sessão cronometrada em cinqüenta minutos. Tanto um quanto outro mimetizam as práticas de dois analistas muito singulares, Lacan e Freud, caracterizando-se por não levar em conta a necessidade do psicanalista encontrar seu próprio estilo na condução do tratamento. Num de seus artigos sobre técnica, Freud observou que jamais preconizara formas protocolares de analisar, e apenas expusera soluções que se revelaram condizentes com sua preferência pessoal.

Hoje, o momento é de uma assimilação mais subjetivada das contribuições fundamentais de Lacan. Se a difusão do pensamento lacaniano é onipresente na psicanálise brasileira,

isso se dá pela própria força de seu ensino e pela verdade carreada por ele: o de uma verdadeira renovação da clínica psicanalítica. Se o ensino de Lacan obteve tamanha repercussão, isso se deu sobretudo em função de ele constituir uma verdadeira re-fundação da psicanálise, que associou seu nome de modo indelével ao de seu criador.

Enquanto no Brasil, de modo semelhante ao ocorrido nos EUA, a IPA abria as portas para a ideologização da prática e, surpreendentemente, considerava a leitura de Freud como algo secundário para a formação dos psicanalistas, Lacan chamava atenção para a radicalidade muitas vezes desconhecida e para a fecundidade igualmente inexplorada do texto freudiano.

A psicanálise é a prática da psicanálise, cuja função original inédita é a de manter uma relação com o saber enquanto verdade. Trata-se de uma prática que, ao contrário do discurso do mestre, não admite dominações, pois desse modo retornaria à etapa pré-psicanalítica, na qual os psiquiatras se empenhavam na hipnose e na sugestão. Sabe-se que nos EUA a prática da psicanálise sofreu um grande declínio que se sucedeu, paradoxalmente, a uma enorme difusão. Como ponderou Gérard Pommier em *A neurose infantil da psicanálise* (Jorge Zahar, 1995), a manutenção da vida da psicanálise depende de que ela possa manter-se fiel à ética que lhe é própria, sem o que ela se homogeneiza com outras práticas psicoterápicas e perde sua razão de ser.

Não cabe aqui enumerar as férteis distinções estabelecidas por Lacan no campo teórico. Ressalto apenas que sua elaboração sobre *o inconsciente estruturado como uma linguagem* levou-o a conceber, na clínica, o lugar do analista como lugar de uma *douta ignorância* e a interpretação exclusivamente em sua relação com o dizer do analisando, preservando o valor primordial da escuta da fala do sujeito.

a transmissão da psicanálise

Ao mesmo tempo em que afirmou a impossibilidade da transmissão da psicanálise, Lacan sempre trabalhou no sentido de possibilitá-la e insistiu no fato de que seu ensino visava produzir "efeitos de formação". Para ele, é impossível transmitir a psicanálise sem uma estreita imbricação entre teoria e prática, isto é, sem que o sujeito seja atravessado pela experiência. Não é essa uma das características de seu famoso estilo de escrita, o de requerer a inclusão do sujeito no processo de elaboração teórica? Assim, se a ética da psicanálise deve ser compreendida em seu caráter inédito de "ética do bem-dizer", em relação ao

psicanalista ela deve certamente implicar a necessidade de inclusão dos significantes da teoria em seu bem-dizer, de modo que esses significantes se renovem e adquiram vida, para que os conceitos não sejam tomados como meros signos.

Fica evidente que Lacan não se satisfazia com o fato de que uma prática não precisa ser elucidada para produzir efeitos, como ele mesmo observa em *Televisão* (Jorge Zahar, 1997). Por um lado, *a* psicanálise é intransmissível, enquanto escopo de um saber totalizador, na medida em que ela mesma é *não-toda* (termo lacaniano para designar a falta inerente à estrutura humana) e a questão sobre "o que é o inconsciente?" insiste em se presentificar. Por outro lado, é esse *não-todo*, verdadeira matriz da estrutura do inconsciente, escrito por Lacan no matema S(A), que importa transmitir e este só pode ser transmitido em *uma* psicanálise. Nesse sentido, pode-se afirmar que é necessário que a transmissão d'*a* psicanálise seja perpassada pela experiência de *uma* psicanálise. Dito de outro modo, a ciência da análise requer a poesia inerente a cada análise de um sujeito.

Se abordarmos essas inovações de Lacan sob o prisma dos quatro discursos não é difícil evidenciar que se trata de conceber a experiência não mais sob o prisma do discurso universitário, para o qual o saber regula toda a produção do sujeito bem pensante, mas sim abordá-la a partir de sua própria especificidade, isto é, a do discurso psicanalítico, que inclui o real, o *não-saber* no cerne da experiência. Como nos lembra o poeta Manoel de Barros em seu *Livro sobre nada* (Record, 1998), "perder o nada é um empobrecimento".

O que acredito ser o ponto mais essencial no âmbito da formação psicanalítica, em que Lacan renovou em alto grau a relação mantida pelos analistas com sua própria experiência, é o fato de que é necessário preservar nos critérios institucionais o mesmo gradiente de enigma inerente à experiência da análise. Se a aparência é de que a formação do analista foi facilitada a partir do aforismo lacaniano de que "o psicanalista só se autoriza por si mesmo", ao contrário observa-se que a dificuldade inerente à formação, aquilo que Lacan chamou de "real em jogo na formação do psicanalista", foi por ele preservada sem os engodos das modalidades próprias ao discurso universitário. Lacan foi o primeiro psicanalista a se indagar seriamente sobre o fim da análise de um analista, desvinculando-a de prazos fictícios; a preconizar a importância da supervisão clínica não ser obrigatória, mas sim corresponder às necessidades do analista em formação; a propor aos analistas falarem de suas análises e transmiti-las a seus pares.

Assim como Lacan observou que a única certeza do sujeito advém do seu próprio desejo, seria preciso lembrar que, quanto ao psicanalista, sua única certeza deve advir do *desejo do psicanalista*, isto é, de um desejo que se traduz pelo desejo de que haja análise, o qual, em suma, remete ao desejo de que haja analista. De qualquer modo, é necessário insistir, como já observou Alain Didier-Weill, no fato de que o legado que Lacan nos deixou, com seu trabalho de retorno a Freud, não está concluído e exige de cada analista a sua parcela de contribuição e uma grande insistência na renovação da experiência. Pois o impossível em jogo no real está sempre a pedir simbolização.

